


NAS TRILHAS DO TRABALHO DE CAMPO EM GEOGRAFIA: REFLEXÕES SOBRE SUA IMPORTÂNCIA COMO RECURSO DIDÁTICO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

**ON THE PATHWAYS OF GEOGRAPHICAL FIELDWORK: REFLECTIONS ON
ITS IMPORTANCE AS A TEACHING RESOURCE IN BASIC EDUCATION**


**SOBRE EL TRABAJO DE CAMPO EN GEOGRAFÍA: REFLEXIONES SOBRE SU
IMPORTANCIA COMO RECURSO DIDÁCTICO EN LA EDUCACIÓN BÁSICA**

Márcio Balbino Cavalcante¹

 0000-0002-6144-4399


profmarciobalbino@gmail.com

Eduardo Rodrigues Viana de Lima²

 0000-0003-1116-9090


eduvianalima@gmail.com

Anderson Felipe Leite dos Santos³

 0000-0002-1947-5175


andersonsantos@frn.uespi.br

Guilherme Amsterdan Correia Lima⁴

 0009-0004-5575-1554

amsterdan87@gmail.com

Francisco José Silva Vasconcelos⁵

 0009-0004-0789-0058

franciscojosesilvasvasconcelos@gmail.com

1 Doutor em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia (UEPB). Professor de Geografia do Estado da Paraíba e da Rede Municipal de Educação de João Pessoa. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6144-4399>. E-mail: profmarciobalbino@gmail.com.

2 Doutor em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia (UNESP). Professor do Curso de Geografia e dos Programas de Pós-Graduação em Geografia e de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA) da Universidade Federal da Paraíba (UEPB). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1116-9090>. E-mail: eduvianalima@gmail.com.

3 Doutorando em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia (UNESP). Professor Assistente do Departamento de Geografia da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1947-5175>. E-mail: andersonsantos@frn.uespi.br.

4 Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Professor de Geografia do Estado da Paraíba. ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-5575-1554>. E-mail: amsterdan87@gmail.com.

5 Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Ensino de Geografia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-0789-0058>. E-mail: franciscojosesilvasvasconcelos@gmail.com.

Artigo recebido em agosto de 2025 e aceito para publicação em outubro de 2025.

RESUMO: A ciência geográfica tem como principal objeto de estudo o “espaço humanizado” e para auxiliar nas análises deste desígnio, a Geografia faz uso de alguns conceitos – paisagem, território, região e lugar. Pensando na educação básica, o intuito da Geografia é fazer com que os estudantes, através da observação, compreendam o espaço como um todo, possibilitando uma aproximação da realidade vivida e das diversas outras realidades existentes no mundo contemporâneo. A escola é o lugar onde tudo isso se materializa, principalmente partindo da relação professor-estudante. Assim, é que pesquisas no âmbito do ensino de Geografia têm ganhado destaque, não apenas na academia, mas em todo o âmbito educacional. Pensar no ensino dessa ciência é fundamental, para não deixarmos essa disciplina no desacerto do tradicionalismo. As metodologias são caminhos e instrumentos fundamentais para a compreensão do objeto de estudo da Geografia. Mas, para se pensar em metodologias que inovem esse ensino, se faz necessário que os professores estejam abertos e principalmente dispostos a oferecer o melhor para os seus estudantes. Neste trabalho, destaca-se o trabalho de campo e seu potencial para a Educação Básica e para a formação cidadã dos estudantes. Fundamentado nisso, propôs-se uma organização sistematizada para a realização dessa metodologia, projetando-se os seguintes passos: identificação; objetivos; procedimentos anteriores ao trabalho de campo; atividades de campo; procedimentos posteriores e apresentação dos resultados. À vista disso, destaca-se que a metodologia de trabalho de campo favorece avanços significativos no processo de ensino-aprendizagem dos conteúdos trabalhados no ensino de Geografia.

Palavras-chave: Ciência Geográfica. Educação Geográfica. Recursos Didáticos. Trabalho de Campo. Formação de Professor.

ABSTRACT: Geography primarily focuses on the study of socially produced space, and, to support its analysis, it employs key concepts such as landscape, territory, region, and place. In the context of basic education (i.e., primary and secondary education), Geography seeks to enable students - through observation and inquiry-based fieldwork - to understand space as an integrated whole, fostering connections with their lived reality as well as with the diverse realities of the contemporary world. Schools are the settings where this process takes shape, particularly through the teacher-student relationship. Consequently, research in geography education has gained prominence not only in academia but also across the broader educational sector. Reflecting on the teaching of this discipline is essential to prevent it from being constrained by traditionalist approaches. Methodologies serve as crucial pathways and tools for engaging with Geography's subject matter. However, for innovative practices to be developed, teachers must remain open-minded and, above all, committed to providing high-quality teaching sources and experiences for their students. This study emphasizes the role of geographical fieldwork and its potential for Basic Education and for students' civic development. Building on this perspective, we propose a systematic framework for implementing fieldwork, organized into the following stages: identification; objectives; preparatory procedures; field activities; post-fieldwork analysis; and presentation of results. Thus, the fieldwork methodology proves highly effective in advancing the teaching and learning of content throughout the Geography subject.

Keywords: Geographic Science. Geographic Education. Teaching Resources. Fieldwork. Teacher Training.

RESUMEN: La ciencia geográfica tiene como principal objeto de estudio el “espacio humanizado” y, para analizarlo, utiliza algunos conceptos: paisaje, territorio, región y lugar. En educación básica, la geografía busca que los estudiantes comprendan el espacio como un todo a través de la observación, lo que les permite acercarse a la realidad que viven y a las diversas realidades del mundo contemporáneo. La escuela es el lugar donde todo esto se hace realidad, principalmente a través de la relación profesor-alumno. Por tanto, las investigaciones en el ámbito de la enseñanza de la geografía han cobrado importancia, no solo sobre el dominio académico, sino en todo el sistema educativo. Reflexionar sobre la enseñanza de esta ciencia es fundamental para evitar caer en el tradicionalismo. Las metodologías son caminos e instrumentos fundamentales para comprender el objeto de estudio de la geografía. Para innovar en la enseñanza de esta ciencia, es necesario que los profesores estén abiertos y, sobre todo, dispuestos a dar lo mejor a sus alumnos. En este trabajo se destaca en el estudio de campo y su potencial para la educación básica y para la formación ciudadana de los alumnos. Sobre esta base, se propuso una organización sistemática para la aplicación de esta metodología, en la que se proyectaron los siguientes pasos: identificación; objetivos; procedimientos previos al trabajo de campo; actividades de campo; procedimientos posteriores y presentación de los resultados. A la vista de ello, cabe destacar que la metodología del trabajo de campo favorece avances significativos en el proceso de enseñanza-aprendizaje de los contenidos trabajados a lo largo de la asignatura de Geografía.

Palabras clave: Ciencia Geográfica. Educación Geográfica. Recursos Didácticos. Trabajo de Campo. Formación Docente.

INTRODUÇÃO

A escola, como espaço de produção do conhecimento sistematizado, de práticas sociopolíticas e pedagógicas, tem a tarefa de ensinar os alunos a compartilharem o saber com espírito crítico, construindo conhecimentos, valores, habilidades e competências essenciais para o convívio social, cultural e científico.

Refletir sobre o ensino de Geografia possibilita compreender os caminhos percorridos na construção do seu currículo e na sua contribuição para o universo do conhecimento dos estudantes. Para que isso ocorra, é necessário que escola e professores de Geografia estejam abertos a novas práticas que garantam as competências e habilidades necessárias à formação de seus alunos (Cavalcante *et al.*, 2025).

Conforme a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a presença da Geografia nos currículos escolares possibilita uma compreensão do mundo em que se vive, suas transformações e representações sociais, bem como suas múltiplas dimensões da realidade socioespacial (Brasil, 2017). Ao mesmo tempo, o documento enfatiza que a educação geográfica contribui para a formação do conceito de identidade, salientando, entre outros fatores, a importância de se considerar que “os seres humanos são sujeitos da história, mas distintos uns dos outros e, por isso, convictos das nossas diferenças” (Brasil, 2017, p. 357).

Partindo do princípio de que a Geografia é uma ciência cujo objeto de estudo é o “espaço humanizado”, entendido como a natureza modificada pelo homem por meio de seu trabalho, isto é, o “espaço geográfico” (Santos, 2008, p. 19), os procedimentos metodológicos no âmbito dessa disciplina devem estar voltados para a apreensão da realidade empírica, constituindo-se em aspectos fundamentais para a percepção das transformações da paisagem a partir de uma visão global do entorno do observador.

No caso da Geografia, as metodologias são instrumentos fundamentais para a compreensão da produção e (re)organização do espaço geográfico. É notório que a Geografia no currículo da Educação Básica tem como finalidade proporcionar aos estudantes a compreensão de uma sociedade dinâmica, suas transformações e representações sociais, bem como suas múltiplas dimensões da realidade social. Dessa maneira, no processo de planejamento educacional, o professor de Geografia deve refletir sobre as metodologias de ensino, na perspectiva de contribuir para a superação das dificuldades de aprendizagem no ensino de uma ciência em constante movimento (Cavalcante; Carneiro, 2024).

Para isso, o uso dos conceitos geográficos – paisagem, território, região e lugar – e sua materialização no espaço geográfico oportunizam aos educandos o entendimento crítico do espaço, das sociedades e do ambiente, possibilitando uma aproximação da realidade vivida e das diversas realidades. Nesse sentido, as práticas pedagógicas devem considerar como os estudantes percebem o mundo ao seu redor, onde suas vidas se desenrolam, como se relacionam com os grupos sociais nos espaços que frequentam e quais são as representações sociais que possuem desses lugares (Cavalcante *et al.*, 2025).

É nesse contexto que se insere o trabalho de campo como um recurso pedagógico fundamental para a compreensão, coleta e análise das informações estudadas em sala, bem como para o processo de aproximação com a realidade. Caracteriza-se como uma estratégia importante no processo de ensino e aprendizagem em diferentes ciências e campos de estudo ligados à Geografia, permitindo a transição da compreensão teórica para sua materialização em campo (Silva; Santos; Dantas, 2022).

Diante do exposto, o presente trabalho visa discutir a importância dos trabalhos de campo no ensino de Geografia na educação básica como forma de aproximar os conhecimentos geográficos da realidade vivenciada pelos estudantes. A metodologia pautou-se em um estudo de natureza qualitativa (Creswell, 2017), com dados resultantes de pesquisa bibliográfica (Gil, 2021) e análise documental (Marconi; Lakatos, 2021).

REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DA GEOGRAFIA E A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DE CAMPO

A Geografia tem sido protagonista, desde sua origem, de estudos que focam na interação entre a sociedade e a natureza (Cardoso; Silva, 2018; Moraes, 2020). Nesse cenário, a ciência geográfica desempenha um papel relevante na sociedade, enquanto seu objeto está relacionado ao estudo das relações de (re)produção e transformação do espaço geográfico, por meio das interações sociais e de sua conexão com o ambiente.

Diante dessa realidade, a Geografia passou por mudanças tanto epistemológicas quanto em seus conteúdos, práticas de pesquisa e ensino, gerando, assim, diferentes abordagens que inspiraram práticas pedagógicas distintas (Cavalcante *et al.*, 2016). Desde os primórdios, a investigação dos fenômenos *in loco* esteve ligada à construção dos saberes geográficos e ao próprio surgimento da Geografia como ciência no século XIX. Nessa linha de pensamento, os precursores da Geografia enquanto conhecimento científico, principalmente Alexander von Humboldt (1769-1859), utilizaram as viagens como um dos principais instrumentos de análise do espaço, para levantar dados científicos sobre os lugares percorridos (Warnavin; Araujo, 2016).

Como método de pesquisa, Humboldt propôs o *empirismo racional*, ou seja, a explicação derivada da observação. Para ele, o geógrafo deveria contemplar a natureza de uma forma quase estática. A paisagem causaria no observador uma impressão que, combinada com a observação sistemática dos seus elementos e filtrada pelo raciocínio lógico, conduziria à explicação dos fenômenos, à causalidade das conexões contidas na paisagem observada. Suas técnicas, portanto, consistiam na observação, descrição e representação da paisagem geográfica (Seabra, 2007, p. 48).

A base teórica anteriormente referenciada confirma a contribuição dessa metodologia para o conhecimento do espaço geográfico desde as origens dessa ciência, apresentando como singularidade os propósitos a serem atingidos.

No que se refere à prática da observação durante o período compreendido entre a sistematização do saber geográfico e o início da década de 1960, correspondente ao apogeu do positivismo na Geografia, as questões teórico-metodológicas a ela relacionadas prendiam-se à observância do trabalho científico no nível do conhecimento do aparente, ou seja, baseado nas impressões primárias que a realidade oferece, sem ultrapassar a descrição, enumeração e classificação dos fenômenos geográficos. Isso resultava em “uma visão empobrecedora da realidade, reduzindo-se essa a mero empirismo” (Moraes, 2020, p. 22).

Nessas circunstâncias, o papel desempenhado pelo trabalho de campo favoreceu o fortalecimento da base filosófica sobre a qual se assenta a Geografia, que passou a ser denominada ciência empírica por fundamentar-se, essencialmente, na observação. Entre as décadas de 1970 e 1980, as correntes resultantes do movimento de renovação da ciência geográfica, que traziam em seu bojo preocupações acentuadamente metodológicas, segundo a visão crítica de vários estudiosos, deixaram de priorizar a observação *in loco*, possivelmente por não a considerarem um procedimento que contemplasse, de forma contundente, os critérios de rigor científico (Cavalcante *et al.*, 2025).

Nesse cenário de renovação da ciência geográfica, o ensino de Geografia se apresenta como uma oportunidade para a adoção de novas ferramentas. Mais do que descrever o espaço à distância, é essencial integrá-lo e compreender a influência do ser humano na modificação e transformação do meio (Cavalcante *et al.*, 2016).

No que se refere às tendências atuais da Geografia e suas vinculações com o trabalho de campo, torna-se essencial ressaltar sua indiscutível importância como ferramenta de pesquisa para os geógrafos. Não apenas na Geografia, mas também em outros ramos da ciência. Os professores lançam mão do trabalho de campo como um recurso que auxilia na compreensão dos conteúdos ministrados em sala. Isso ocorre em vários níveis de ensino, desde a Educação Básica até o Ensino Superior.

Seguindo essa linha de pensamento, é necessário despertar no aluno a curiosidade pelo meio em que está inserido, incentivando-o a buscar, por meio da observação, informações sobre seu lugar de vivência social. Dessa forma, possibilita despertar sua consciência sobre o seu papel, como principal agente modificador do espaço e, portanto, devendo assumir uma postura consciente (Cavalcante *et al.*, 2016).

Desse modo, as reflexões feitas em sala de aula são fundamentais e contribuem significativamente para a formação do cidadão, pois,

O meio não é, nem pode ser, apenas objeto de estudo distante da escola e do pesquisador. É a sua própria realidade, o seu mundo, “onde se vive” e onde a escola existe, é a sociedade que se deseja transformar, conforme o significado atribuído aos problemas detectados (Feltran; Feltran Filho, 2024, p. 126).

Assim, corroborando o pensamento de Santos (2008), é necessário observar a atual organização do espaço geográfico, formado por diferentes elementos e apresentando diversos níveis de participação. O espaço torna-se uno, mas também diferenciado, constituindo-se em um palco para as ações humanas, que o redefinem continuamente. Ao mesmo tempo, o próprio espaço interfere na definição dos atos humanos.

O TRABALHO DE CAMPO COMO METODOLOGIA PARA O ENSINO DA CIÊNCIA GEOGRÁFICA

O ser humano nasce e constrói sua identidade nas relações determinadas e estabelecidas pela sociedade, vivendo em um determinado tempo histórico, psicológico e cultural. Gradativamente, percebe que faz parte de um todo mais amplo e estruturado. Segundo Carvalho (2014), a ênfase no desenvolvimento do tempo histórico e na imposição de novas determinações instrumentaliza o aluno para a compreensão do espaço geográfico e de suas manifestações.

Partindo desses princípios, a construção e reconstrução do mundo pelo aluno ocorre inicialmente “a partir de suas próprias dimensões e capacidade de percebê-las, adaptando-se a elas mediante uma imaginação transformadora das coisas” (Almeida; Passini, 2010, p. 29). Assim, a disciplina Geografia desempenha um papel fundamental na formação cidadã dos alunos, promovendo a compreensão dos fenômenos geográficos e das intervenções humanas que modificam o espaço natural, transformando-o em espaço geográfico. Conforme Cavalcante *et al.* (2023, p. 23),

O ensino de Geografia deve priorizar os momentos para análise da (re)organização espacial, bem como as transformações concretas e visíveis produzidas no meio ambiente, tais como crescimento acelerado e desorganizado das cidades, ampliação das fronteiras agrícolas, desmatamentos; enfim, todas as modificações provocadas por uma sociedade.

Dessa forma, a Geografia desempenha um papel essencial na formação do aluno, permitindo-lhe compreender a sociedade em que vive e reconhecer-se como um agente ativo, participante do meio e corresponsável pelas transformações futuras.

Nesse contexto, o trabalho de campo se destaca como um recurso valioso não apenas para o ensino de Geografia, mas para a educação na totalidade, dada sua natureza multidisciplinar e interdisciplinar. Ao integrar o cotidiano e a vivência além da sala de aula, essa metodologia exige uma preparação adequada, garantindo que sua execução seja significativa. Assim, o trabalho de campo proporciona conhecimento e reflexão sobre a realidade e, quando aliado ao diálogo, amplia as possibilidades de compreensão e intervenção consciente no meio (Neves, 2019).

Além disso, essa abordagem complementa os conteúdos discutidos em sala de aula, desenvolvendo habilidades como localização, observação, descrição, análise e interpretação dos fenômenos estudados. Dessa maneira, favorece uma compreensão mais ampla do espaço vivido. Como estratégia de ensino, pode ser aplicada em estudos de caso ou de forma empírica, adaptando-se às diferentes etapas do processo de aprendizagem.

Sob essa perspectiva, o trabalho de campo se configura como um instrumento essencial para a “leitura” do espaço, permitindo desvendar o entorno e estabelecer conexões entre a observação, o conhecimento sistematizado e seu significado. Esse processo ocorre de forma dinâmica e dialética,

possibilitando uma compreensão mais aprofundada da realidade, especialmente de seus aspectos aparentemente inexplicáveis, que, por sua própria complexidade, despertam a curiosidade e instigam a investigação (Silva, 2002).

Conforme Neves (2019, p. 12), a utilização dessa metodologia permite a iniciação à investigação científica e ao manuseio de certos instrumentos, tais como cartas, mapas, croquis, bússolas, que têm um papel fundamental no fazer geográfico e cujo domínio contribui para a construção da autonomia dos estudantes.

O trabalho de campo, portanto, promove tanto o conhecimento quanto a reflexão sobre a realidade e, quando associado ao diálogo, amplia as possibilidades de compreendê-la de forma crítica e transformá-la conscientemente.

O trabalho de campo é entendido como toda e qualquer atividade investigadora e exploratória que ocorre fora do ambiente escolar, é um tipo de atividade que é na maioria das vezes muito bem aceita pelos alunos, em função da possibilidade de sair da rotina escolar da sala de aula, e é um instrumento didático importante no ensino de Geografia, uma ciência que se encarrega de explicar os fenômenos resultantes da relação sociedade/espço (Souza; Pereira, 2007, p. 2).

A Geografia permite ao professor, por meio do trabalho de campo, desenvolver a percepção do aluno sobre a representação do espaço em que está inserido, para que ele reconheça os elementos atuantes nas transformações do meio. Portanto, a aula em campo instiga, antes de tudo, a compreensão das diferenças entre as paisagens representadas nos livros didáticos e aquelas vivenciadas *in loco* (Neves, 2019).

As paisagens são dinâmicas e ganham vida por meio da relação dos alunos com as configurações ópticas apreciadas sem recortes. São observadas em conjunto com os movimentos das relações sociais, os diferentes tipos de uso do espaço, a combinação de elementos naturais e artificiais, representando um instante da relação entre sociedade e natureza ou, mais precisamente, das interações entre as diferentes manifestações da natureza e as ações humanas, compondo um verdadeiro conjunto de processos e objetos.

Segundo os autores mencionados, o trabalho de campo também contribui significativamente para a integração dos aspectos da geografia física e da geografia humana, o que é essencial para uma compreensão mais ampla do objeto investigado. Conforme demonstrado na pesquisa desenvolvida por Marinho, Silva e Saraiva Júnior (2005), o estudo do meio, concretizado por meio do trabalho de campo, é uma estratégia metodológica fundamental para a consolidação dos conteúdos geográficos, especialmente no que diz respeito ao uso dos recursos naturais.

ROTEIRO BÁSICO PARA O TRABALHO DE CAMPO

Acredita-se que os trabalhos de campo são importantes ferramentas pedagógicas para levar o aluno a vivenciar *in loco* as aprendizagens propostas em sala de aula. No entanto, para que esse processo ocorra de forma eficaz, é necessário um planejamento detalhado, tanto no aspecto logístico quanto, principalmente, no pedagógico. É fundamental que a saída a campo tenha um propósito claro e faça sentido para os alunos, permitindo que eles percebam a relação entre os conhecimentos adquiridos em sala e as atividades desenvolvidas no campo.

A aula de campo não deve ser vista como um simples passeio, um dia de lazer fora da escola, um momento de distração ou um intervalo para relaxar as mentes “bagunçadas” das crianças e jovens do mundo moderno (Oliveira; Assis, 2009).

Por outro lado, essa metodologia é geralmente bem recebida pelos alunos, pois proporciona uma ruptura temporária com o ambiente escolar e sua organização espacial, além de criar dinâmicas nas relações sociais e de aprendizado. Dessa forma, ao planejar um trabalho de campo, o professor deve considerar algumas questões essenciais: Por que realizar um trabalho de campo para este conteúdo? Como engajar os alunos nessa atividade? O que investigar? De que maneira investigar? Quais instrumentos utilizar para a coleta de dados? Como orientar a elaboração e a síntese dos conhecimentos adquiridos ao final da atividade?

Outro aspecto fundamental para o sucesso do trabalho de campo é o que chamamos de pré-campo. Não basta que o professor conheça o local ou o roteiro do estudo; é essencial que ele faça o percurso pouco antes da realização da atividade, a fim de identificar possíveis desafios e adequar a proposta às condições do ambiente.

Portanto, torna-se necessária a sistematização das diversas etapas da execução do trabalho de campo, tanto no âmbito da prática pedagógica quanto da investigação científica, por meio de um planejamento estruturado. Assim, propõe-se, a seguir, um encaminhamento para a organização do trabalho de campo de forma sistematizada, utilizando um Roteiro Básico que contemple as seguintes fases:

1 – Identificação

Devem ser informados todos os dados que possam identificar a atividade a ser realizada, incluindo o nome da(s) pessoa(s) que participarão do Trabalho de Campo:

- 1.1 - Assunto;
- 1.2 - Local;
- 1.3 - Data;
- 1.4 - Meio de transporte;
- 1.5 - Tempo previsto;
- 1.6 - Participante(s).

2 – Objetivos

Os resultados esperados do trabalho de campo devem ser explicitados de forma clara e abrangente, destacando tanto os objetivos gerais quanto os específicos. Esses objetivos devem ser formulados de maneira operacional, indicando com precisão os resultados que se espera obter com a realização da atividade.

- 2.1 - Objetivo geral;
- 2.2 - Objetivos específicos.

3 – Procedimentos anteriores ao trabalho de campo

Esta etapa corresponde ao planejamento e à organização do estudo antes da realização do trabalho de campo. Nela, são definidos os procedimentos que subsidiarão a atividade, permitindo uma ampliação da visão e compreensão sobre o tema ou a área a ser explorada. Isso inclui a realização de pesquisas bibliográficas, palestras e outras atividades preparatórias. Além disso, devem ser indicados os instrumentos e equipamentos que serão utilizados para a coleta de dados e informações durante o estudo.

4 – Atividades de campo

Refere-se à realização do trabalho de campo em si, considerando todos os aspectos que foram anteriormente planejados, ou seja, essa etapa prende-se à execução do previsto, a saber:

4.1 - Registro dos elementos observados – Relaciona-se à captação de aspectos complementares, sobre o observado, que podem ser colhidos por meio de instrumentos como: caderneta de anotações, fotografias e outros;

4.2 - Coleta de informações – O direcionamento servirá para responder às perguntas (ou problemas) que motivaram o interesse na realização do Trabalho de Campo. Para isso, poderão ser aplicados questionários, ou utilizados formulários, realizadas entrevistas ou coletadas amostras de materiais, conforme os objetivos propostos, com atenção ao cuidado no manuseio desses materiais.

5 – Procedimentos posteriores

Quando ao retorno da atividade, torna-se necessário a observância de alguns cuidados relativos aos procedimentos voltados para a sistematização das informações e/ou dados levantados/coletados:

5.1 - Formas de tratamento dos dados coletados - indicação das técnicas/ procedimentos;

5.2 - Elaboração dos resultados - atentando para estabelecer relação entre os resultados obtidos e o referencial teórico-conceitual acerca da temática em estudo.

6 – Apresentação dos resultados

Deverão ser indicadas as formas pelas quais os resultados serão divulgados (relatórios, artigos, exposição fotográfica, entre outras).

Dessa maneira, a aula de campo constitui um valioso encaminhamento metodológico para a análise da área em estudo (urbana ou rural), permitindo que o aluno diferencie, por exemplo, paisagem e espaço geográfico. Parte-se de uma realidade local bem delimitada para investigar sua constituição histórica e compará-la a outros lugares, próximos ou distantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa intenção com a discussão apresentada, é reconhecer o Trabalho de Campo como uma metodologia de pesquisa no ensino de Geografia, considerando que essa abordagem favorece avanços significativos no processo de ensino-aprendizagem dos conteúdos trabalhados na disciplina, tanto empíricos quanto teóricos. Além disso, proporciona o desenvolvimento de diferentes perspectivas sobre o saber-fazer geográfico em sua interface com outras áreas do conhecimento humano, por meio da relação entre teoria e prática, em um movimento dialético de reconhecimento e interpretação crítica da realidade.

Além disso, o Trabalho de Campo possibilita o contato direto com os conteúdos abordados em sala de aula, ampliando o conhecimento e estimulando a criticidade dos educandos na perspectiva de sua emancipação na sociedade atual, caracterizada pelo período técnico-científico e informacional. Dessa forma, os alunos podem se perceber como agentes transformadores de pensamentos e atitudes, promovendo uma postura mais consciente na relação entre o ser humano e a natureza.

Em suma, é fundamental que o professor utilize práticas didáticas e pedagógicas, como o Trabalho de Campo, para estimular o interesse dos alunos, motivando-os a participar, interagir e compreender que a Geografia permite uma análise crítica da estruturação e organização do espaço geográfico em que vivem e (re)constroem.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. D; PASSINI, E. Y. **O espaço geográfico: ensino e representação**. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- CARDOSO, C; SILVA, M. S. (org.). **A Geografia Física**. Teoria e prática no ensino de Geografia. Curitiba: Appris, 2018.
- CARVALHO, M. B. A Natureza na Geografia do Ensino Médio. *In*: OLIVEIRA, A. U. (org.). **Para onde vai o ensino da Geografia?** 10. ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- CAVALCANTE, M. B.; SOUSA, H. A.; FURTADO, E. M.; SILVA, G. R.; SILVA, J. J. S. O Ensino de Geografia sob um enfoque motivador. **Gaia Scientia**, João Pessoa, v. 10, n. 4, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/gaia/article/view/25274>. Acesso em: 23 jul. 2025.
- CAVALCANTE, M. B.; BASQUEROTE, A. T.; LIMA, E. R. V.; ARRUDA, L. V.; CAMPOS, J. O. Contribuições da Educação Ambiental e da Geografia para reflexões sobre os problemas ambientais. *In*: BASQUEROTE, A. T.; CAVALCANTE, M. B.; MENEZES, E. P. (org.). **Educação ambiental e sustentabilidade: práticas, reflexões e fazeres**. Santa Maria: Arco Editores, 2023. p. 12-28
- CAVALCANTE, M. B.; CARNEIRO, R. N. Planejamento Educacional no ensino de Geografia: desafios para a prática docente. *In*: CARNEIRO, R. N.; ARAÚJO, R. L. **Didática da Geografia: seus elementos e suas linguagens** (org.). Mossoró: Edições UERN, 2024. p. 21-29.
- CAVALCANTE, M. B.; BASQUEROTE, A. T.; CAMPOS, J. O.; LIMA, E. R. V.; SILVA, R. C. N. (Des)caminhos do ensino de geografia: a trajetória do refletir e do fazer geográfico na Educação Básica. *In*: CAVALCANTE, M. B.; BASQUEROTE, A. T.; CAMPOS, J. O. (org.). **Educação geográfica e suas múltiplas aprendizagens: ensino, pesquisa e extensão**. Santa Maria: Arco Editores, 2025. p. 9-20.
- CRESWELL, J. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed. 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Versão Final**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>. Acesso em: 22 jul. 2025.
- FELTRAN, R. C. S.; FELTRAN FILHO, A. Estudo do meio. *In*: VEIGA, I. P. A. (org.). **Técnicas de ensino: Por que não?** 10. ed. Campinas: Papirus, 2024.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.
- GONÇALVES, F. A. B. **O Trabalho de Campo como estratégia pedagógica no ensino da Geografia escolar: uma experiência com alunos do 1º Ano do Ensino Médio da Escola Dr. Walmy Campos Bezerra**. *In*: CAVALCANTE, M. B.; BASQUEROTE, A. T.; CAMPOS, J. O. (org.). **Educação geográfica e suas múltiplas aprendizagens: ensino, pesquisa e extensão**. Santa Maria: Arco Editores, 2025. p. 128-139.
- MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2021.
- MARINHO, F. E. P.; SILVA, A. D.; SARAIVA JUNIOR, J. C. S. O Estudo do Meio como

metodologia de aprendizagem no ensino de Geografia do Rio Grande do Norte, Nordeste do Brasil. In: CAVALCANTE, M. B.; BASQUEROTE, A. T.; CAMPOS, J. O. (org.). **Educação geográfica e suas múltiplas aprendizagens**: ensino, pesquisa e extensão. Santa Maria: Arco Editores, 2025. p. 113-127.

MORAES, A. C. R. **Geografia**: Pequena História Crítica. 21. ed. São Paulo: Annablume, 2020.

NEVES, K. F. T. V. **Os trabalhos de campo no ensino de geografia**: reflexões sobre a prática docente na educação básica. 2. ed. Ilhéus: Editus, 2019.

OLIVEIRA, C. D. M.; ASSIS, R. J. S. Travessias da aula em campo na geografia escolar: a necessidade convertida para além da fábula. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 35, n. 1, p. 195-209, jan./abr. 2009.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo. Razão e Emoção. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

SEABRA, G. **Geografia**: Fundamentos e Perspectivas. 4. ed. João Pessoa, PB: Editora da UFPB, 2007.

SILVA, E. D.; SANTOS, D. C. A.; DANTAS, J. S. Importância do trabalho de campo em Geografia: relato de experiência nas disciplinas de climatologia sistemática e biogeografia. **Pensar Geografia**, Mossoró, v. 6, n. 2, p. 106-119, 2022. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/PGEO/article/view/3671>. Acesso em: 22 jul. 2025.

WARNAVIN, L.; ARAÚJO, W. M. **Estudos das transformações da paisagem e do relevo**. Curitiba: InterSaberes, 2016.